

# Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 - PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO  
Amadeu Peixoto Pinto Leite  
SECRETARIO da REDACÇÃO  
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) . . . . . 1\$000 reis  
Com estampilha (anno) . . . . . 1\$200 »  
Brazil e Colonias . . . . . 1\$500 »

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 6o reis a linha, largura d'uma columna. Anuncios e comunicados, 5o reis; repetições 25 reis. Anuncios permanentes, contracto especial. Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," - OVAR

## O LACTARIO

Teve um echo de sympathia no nosso meio a ideia que ha duas semanas aqui defendemos propondo-a, da creação d'um lactario.

Algumas almas generosas e sempre promptas a auxiliarem todas as obras de humanitarismo, vieram animar-nos a proseguir no nosso intento, offerecendo-nos os seus servicos.

Aqui o registamos; mas é preciso que toda a população abastada de Ovar venha tambem secundar os nossos esforços e sacrificios, pondo-se a nosso lado.

Todos devem comprehender que a creação do factario é entre nós uma grande necessidade.

Os pobres são d'ordinario os mais sobrecarregados de filhos a cuja sustentação teem de prover á custa do esforço do seu braço. Uma creancinha de peito é muitas vezes um serio embaraço, que impede de trabalhar uma mulher e a obriga a passar fome ou a lançar-se no rumo da mendicidade para que ella e os seus não morram á mingua.

Depois as creancinhas assim creadas desde o berço no meio das mais duras privações nunca podem dar homens validos e uteis a si e á sociedade. A doença espreita-os desde os mais tenros annos; e quando os não victima logo á primeira invastida, não mais os larga por completo tornando-os um horroroso fardo para a sociedade.

O Lactario fornecendo á creança alimentação abundante e sadia e encarregando-se de alliviar a infeliz que trabalha dos cuidados diarios com o filhinho, vai fazer cahir sobre as mansardas do infortunio uma felicidade relativa. Vai fazer brotar o pão na arca e o desafio no lar.

Isto que apenas esboçado fica é que era bom que todos comprehendessem e desejassem ver realizado entre nós, onde a classe pobre forma talvez duas terças partes da população.

Em seguida vamos dar publicidade a uma carta, que muito agradecemos, pela grande auctoridade que vem dar á nossa ideia e pelo auxilio que nos promette o seu signatario, ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Francisco Baptista Zagallo, que, apesar de residente em Alcobaca, não esquece os infelizes do seu torrão natal, pondo-se

sempre ao lado de todas as obras que tenham por fim minorar o rigor da sua miseria. Publicando-a prestamos homenagem ao seu auctor e ratificamos declarações que perfeitamente se contem no nosso artigo anterior, pois estamos d'accordo com o que se vai ler na carta do ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Zagallo.

Alcobaca, 9 de Abril de 1910

Excellenté a ideia do lactario durante a quadra piscatoria, aventada por V. no ultimo n.º do *Regenerador Liberal*.

Muito sympathico tudo o que liberte o trabalhador que conte com o exercicio do seu braço, para que desembaraçadamente e com dignidade e honra proveja á sua subsistencia. Por isso pôde V. contar com a minha contribuição mensal de 10000, que opportunamente lhe farei entregar, apenas o lactario funcione e emquanto elle derramar os seus beneficios com equidade.

Necessito, porém, fazer uma declaração. E' convicção minha que inconvenientes e não pequenos em a beneficencia ser administrada por mais d'uma entidade. Nesse sentido se pronunciou o congresso de beneficencia realizado no Porto em janeiro de 1905, revelando como sua maior aspiração a unidade da administração da beneficencia na mesma localidade, quando não em todo o paiz, sendo a corporação unica d'elle incumbida de caracter muito embora sob a fiscalisação official que não lhe tire a autonomia e liberdade d'acção bem orientadas.

N'estas condições, existindo ahi a Misericordia, a ella compete a iniciativa e administração d'essa como das outras manifestações de caridade. Mas a Misericordia necessita agora concentrar todas as energias na fundação do hospital, sua instalação e aquisição de meios sufficientes para elle funcionar desafogadamente e como Ovar necessita e impõe o momento actual da civilização. E só mais tarde poderia cuidar d'essa manifestação da beneficencia como de muitas outras já expressamente mencionadas nos seus Estatutos e d'algumas que lá não estão mencionadas, mas que devem ser attendidas, quando o vulto dos seus recursos o permitta.

Nestas condições acho louvavel que se vá accudindo ás necessidades da miseria publica como ser possa,

com tanto que não deixem de cooperar quanto ser possa na estabilidade e engrandecimento da Misericordia e que em occasião opportuna as diversas entidades caritativas recolham e se fundam com a entidade caritativa mãe, a Misericordia.

Posto isto, como resalva da minha coherencia, do meu proceder futuro e explanação do que se me afigura conveniente para orientação dos éstos caritativos d'Ovar, ratifico a declaração inicial d'esta carta e aguardo as suas ordens como

De V. etc.

(a) Francisco Baptista Zagallo.

Oxalá que a Misericordia se funde em bases solidas e siga a orientação do bem, verdade e justiça e que um dia lhe possamos fazer entrega d'um lactario á medida dos nossos desejos e com larga capacidade beneficente.

N'isto nos vamos empenhar com todo o ardor, esperando da nunca desmentida generosidade dos Ovarenses que nos não deixarão sós nesta obra tão humanitaria e patriótica.

## Transigencia republicana

Tourgnol era *mairre*, ao tempo a que se refere o jornal *Liberté*, que conta o caso, era *mairre* dos mais radicaes e anti-clericaes da França.

Um criado seu que assistira ao sermão do abade viera denunciar-lhe o realismo d'este, que do alto do pulpito fallava no «Reino dos Céos».

Tourgnol ficou com a cabeça perdida e escreveu ao bom do velho, que parochiava a freguezia:

«Deveis saber que em França ha só um governo legal, é o da Republica. Ver-me-ei forçado a proceder contra vós se tornardes a apresentar em publico opiniões realistas».

Ficam avisados os pregadores portuguezes. Quando chegar a republica a Portugal não se poderá falar mais em reino dos ceos. Os pregadores dirão n'esses tempos que estão a chegar:

«Meus irmãos, para se conquistar a republica dos ceos... etc.»

Assim ficarão todos em harmonia com as novas ideias das ideias novas. Tudo neste mundo é questão de nome.

«Ai que bonita cabreira...

E Margarida, ao cantar este verso, não pôde conservar-se séria, vendo Daniel levantar os olhos para ella.

«Que lá em baixo vejo estar!  
«E' uma cabra toda branca,  
«Que nem se deixa fitar.

«Meus criados e escudeiros,  
«Ide a cabreira buscar.»  
Isto dizia a rainha,  
Este foi o seu mandar.

Foram buscar a cabreira  
E a cabra de a acompanhar  
Até ás salas dos paços  
Onde o rei as viu chegar.

«Pela minha c'róa de ouro  
«Eu quero agora apostar,  
«Que é esta a filha roubada  
«Numa noite de luar.»

Milagre! quem tal diria!  
Quem tal poderá contar!  
A cabrinha toda branca  
Alli se pôz a fallar.

A seguinte quadra foi cantada tambem por Daniel, e sem offensa da harmonia:

«Esta é a filha roubada  
«Numa noite de luar,  
«Andou sete annos no monte  
«Quem nasceu para reinar!»

O resultado da intervenção de Daniel foi acabarem os dois a rir, com grande risco de deixarem incompleta a cantiga.

A rogos do seu companheiro, Margarida, passados alguns momentos, concluiu:

Que alegrias vão nos paços,  
E que festa sem cessar!  
A filha ha tanto perdida,  
No throno os paes vão sentar.

E vem damas p'ra vestir-a.  
E vem damas p'ra calçar;  
E as mais prendadas de todas  
Para as tranças lh'enfeitar.

Vão procurar a cabrinha...  
Ninguém a pôde encontrar;  
Mas...

Foi olhando para Daniel que a pequena Guida terminou:

Mas um anjo de azas brancas  
Viram aos céos a voar.

dignificar o jornal que tão impropriamente se chama *Discussão*.

O nosso collega, anavalhado tão sendeira e bandidamente, tomará toda a responsabilidade do que escreveu e escreve.

Como garantia tem o seu passado limpo. Nunca feriu ninguém tocando ou mexendo com a vida intima, particular e pessoal de todos aquelles de cujas ideias discorda, condemna ou discute.

Usou sempre os processos mais leaes, pondo acima das individualidades pessoas, as ideias dos adversarios e acima das ideias oppostas ás suas, o respeito que se deve a todos os nossos semelhantes.

Se toca, de passagem, um ou outro facto que possa afinctar levemente a vaidade do antagonista, é porque esse facto é do dominio publico, já qualificado, causticado, reprehendido e commentado pela opinião geral.

Ora isto não é espirito de *coscovi-heirice*, nem manejo de má lingua, injuria suaz, indignidade ou ignorancia brutal a enterrar as presas aduncas e selvagens na vida intima das suas victimas, mentindo á propria consciencia que se revolta contra essa prostituição de caracter ou incapacidade moral... e mental.

Aquelle nosso collega, tão porca e infamemente attingido pela *Discussão* na sua vida atribulada de pobre, doente, de trabalhador incançavel, lutando contra tudo e contra todos, para poder levar a bom caminho a cruz onerosa que a morte do pae lhe deixára, bom filho e bom irmão, porque é pobre, porque fôra attingido por uma molestia pertinaz que o perseguira muitos annos, porque não é hypocrita e rasteiro engraxador, porque não abdica deante de sabujos da sua independencia moral, não tem o direito de apresentar ideias e modos de vêr diferentes dos d'aquelles a quem os seus poderões ter devido ou devam ainda favores?

Porque é pobre e vive sob a lei da dependencia, não pode pensar, fallar ou discutir ideias, sem as destrinçar da vida particular da sua familia, que é pobre mas tem sido honesta?

Quem procede como a *Discussão* pode, por ser rico, andar com o fato sem nodos de azeite ou de oleo de linhaça, de luva de pelica e gravata ao pescoço; mas uma autopsia radical applicada a tal cerebro, teria

E assim acabou a ultima quadra da chácara, e, por algum tempo, as duas creanças se conservaram caladas, como se quizessem seguir ainda, até ás derradeiras vibrações, as notas melodiosas daquella voz, ao desvanecerem-se no espaço.

Daniel foi o primeiro a romper o silencio.

—Então vês como a soubeste até ao fim? E cantaste-a tão bem!

—Ora!

—Mas é noite, Guida. Repara. Olha que são horas de tu irs juntando o gado.

E acrescentou, suspirando melancolicamente:

—D'aqui a pouco estou eu de volta com o meu latim! E que lição tamanha me marcou o padre para amanhã!

—Então de que tamanho és?

—Olha; vai vendo —disse Daniel, abrindo a *Selecta* e mostrando a Margarida as folhas que o reitor lhe marcára para estudar. —E' esta laudada... e esta... e esta, até aqui.

(Continúa).

(9) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

20

## SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

«De pequenina nos montes  
«Nunca tive outro brincar.  
«Nas cancelas do trabalho  
«Meus dias vejo passar.»

Mas, ao desviar os olhos,  
Viu cousa que a fez pasmar.  
Uma cabra toda branca  
Se lhe fora aos pés deitar.

—Assim, pouco mais ou menos—disse Daniel, pousando a cabeça nos braços encruzados sobre as urzes do chão.

Margarida proseguiu:

Branca toda, como a neve,  
Que nem se deixa fitar,  
Coberta de finas sedas,  
Que era cousa singular!

E, maliciosamente, com um sorriso de travessura infantil, passou os dedos por entre os cabellos de Daniel.

Nunca a tinha visto antes  
No seu rebanho a pastar,  
E foi a fazer-lhe festa...  
E foi para a afagar...

E continuava a correr as mãos pela cabeça de seu joven companheiro, que sorria.

Eis vae a cabra fugindo  
Pelos valles sem parar;  
Ia a cabreira atraz d'ella,  
Mas não a pôde alcançar.

E andaram assim tres dias  
E tres noites, sempre a andar!  
Até que ás portas de uns paços  
A final foram parar.

Chorava o rei e a rainha  
Ha dez annos, sem cessar,  
Que lhe roubaram a filha  
Numa noite de luar.

E dez annos são passados  
Sem mais d'ella ouvir fallar.  
Eis chega a cabreira á porta,  
A' porta se foi sentar.

muita lépra a raspar para poder dar aos lóbulos cerebraes regular funcionamento.

O nosso collega de redacção, ha annos já, por motivos de pouca monta e que não vem a proposito relatar, escreveu na *Discussão* alguns artigos.

Nesses artigos não versou (e é facil verificá-lo) uma só linha sobre politica, nem chamou ao *terreno de solheiro* os farrapos ou brocados da boa ou má reputação alheia. Despreza a injuria, e não élouvaminheiro. Seguiu e segue á risca os preceitos da carta constitucional do bom tom e da polidez que considera a pessoa do nosso semelhante inviolavel.

Romper com esses preceitos e cair nas guellas viperinas da má lingua, é esconder-se como um percevejo nauseabundo nas dobras da vida particular.

O sevandija rasteiro e de vista curta, o tinhoso moral que vem n'uma discussão impessoal de ideias ou dum facto publico, o bôdo aos pobres por exemplo, esgaravata a vida particular d'aquelle que discorda das suas opiniões, está definido pela logica incoercivel da consciencia popular que lhe avaliará o estofo moral e intellectual.

### Posse

Devia de tomar hontem posse da parochia de S. Vicente de Pereira o rev.<sup>o</sup> Padre Augusto d'Oliveira Pinto, que ha dias recebeu a instituição canonica n'esse beneficio.

Apresentamos-lhe os nossos parabens e ao povo de S. Vicente, porque, se o deixa agora um bom parochio, outro lhe é dado que ha de conquistar tambem largas sympathias.

## Grave desordem

Ha dias que na rua das Figueiras duas elegantes vareirinhas, depois de troca de palavras um pouco azedas, por causa do maldito ciúme, se engalfinharam uma na outra sahindo ambas com os vestidos todos rasgados, cintos partidos, cabellos desgredados, travessas feitas em fânicos, cara arranhada e muito palidas.

N'esta occasião ia passando um medico que, vendo a contenda, aproximou-se das ciumentas, apartou-as e examinou se havia alg. ma fractura. As meninas quando reconheceram o estado de desalinho em que estavam, principiaram a chorar copiosamente e com receio e vergonha de irem n'aquelle estado para casa. As mães pedir-lhes-iam contas. O nosso amigo Manuel de Campos, que ia passando, averiguou do sucedido e fazendo parar um *landeau* que passava na occasião, mandou entrar as duas meninas e mais duas costureiras que ali se achavam, ordenando ao cocheiro que batesse a toda a brida para o seu estabelecimento das Pontes da Senhora da Graça.

Ali chegadas, aperearam-se e entraram. E o nosso amigo Campos, sempre senhoril e amavel, ordenou ao seu caixeiro que tirasse peças de fazenda das estantes e as collocasse sobre o balcão.

Em seguida convidou as costureiras a escolherem a gosto fazenda para um vestido que offerecia a cada uma das meninas.

Depois de escolhido foi dito e feito: cortou-se a fazenda, talhou-se e ponteou-se a alfinetes, sahindo em seguida as meninas d'alli elegantemente vestidas e enfeitadas, não faltando pentes para as pentear, lindas travessas da ultima moda e cintos da mais fina elegancia. Emfim sahiram d'alli uns perfeitos figurinos, que fôrão a admiração de todas as nossas sympathicas vareirinhas. Correu em toda a villa esta nova de tal fórma, que tem sido uma verdadeira romaria ao estabelecimento do Campos a comprar fazendas para vestidos, travessas para o cabelo, cintos, perfumarias, etc., acabando-se-lhe já o estok que tinha, pelo que teve de mandar vir nova remessa.

Previnem-se por isso as nossas intelligentes leitoras que se apressem a visitar o seu estabelecimento, onde encontrarão o mais variado sortido de fazendas.

## AGUILHADAS

Não merece a *Discussão*, as honras de ser discutida.

Uma aguilhada para ella é tambem de mais. Aquillo está pôdre. Cheira mal. So uma enxada lhe prestaria optimos serviços, arrastando-a para o fundo d'uma... cova.

Ella não sabe discutir.

Sabe apenas manipular a lama do insulto.

Quer chamar a terreiro quem nada tem com o motivo das suas... criticas desconchavadas.

Quer vidas particulares, quer segredos intimos de familia, talvez lagrimas, dôres surprehendidas no santuario dos lares, desvirtuar factos, envenenar intenções. Até de feitos physicos lhe servem!

Quer tudo isto, menos discutir com dignidade, á maneira d'homens que pensam, formam raciocinios, tiram conclusões, e urdem a teia resistente d'uma boa argumentação.

Por isso vai para ella todo o nosso desprezo, tanto de certo como ella mostra ter por si mesma.

Não queremos oppôr a homens que se vendem por arroz e assucar, mulheres que se negociam por vestidos; a interesseiros que mercadejam com as ideias na imprensa, aduladores que fariscam e tratam de pescar quantias sommas a parentes e heranças ricas a extranhos; a ingratiões anavahantes, traficacões de ciganos. Não. Porque tudo isto e muito mais, não vem para o caso de que tratavamos. Porque isto não

convence ninguem a favor da nossa proposição. Porque isto é arrastar pela vasa da indignidade o nosso caracter, o respeito que devemos a nós mesmos. Nada. Não iremos para ahi.

Regale-se, pois, a *Discussão*. Nesse campo é sua a palma da victoria. Não lh'a disputamos. Pode enramar já com ella a frente de vigoroso e leal... fadista.

### A suja cartilha...

Pela mesma *Discussão* deprehendemos nós que o sr. Marrecas nos outorgou para uso proprio e doutrinação dos vossos leitores uma cartilha suja.

Ora o sr. Marrecas! E' já de ha muito que a nosso respeito tem essa ideia? Será anterior ao seu piddido de tambem o admittirmos a colaborar nessa cartilha? Será mesmo anterior á proposta que fizemos nessa cartilha para se formar nesta terra uma grande commissão que promovesse seus melhoramentos, progresso e desenvolvimento? Nem sei o que parece o sr. Marrecas a querer metter cá o bedelho, a aproveitar-se da doutrina da nossa cartilha, a dizer-nos d'ella em carta particular coisas lisongeiras, e a chamar-lhe agora suja!

E' certo. Estamos numa epoca em que se vai apagando tudo o que distinguia digna e nobremente um homem d'outro, uma d'outra familia, um povo d'outro povo: o caracter.

PILATOS & C.<sup>a</sup>

## SECÇÃO INSTRUCTIVA

(CONTO)

### Frei Lyrio (o Eremita)

(Continuado do n.º 31)

— Mas não teem os homens diligenciado explicar de que sejam formadas a cauda e a cabelleira?

— Teem, realmente. Newton dizia que não passava de um tenue vapor emanado do núcleo do mesmo cometa, devido á intensidade de calor que lhe é proprio.

— E é simples essa cauda?

— Como é simples?! Não sei o que queres dizer. Perguntas se é só uma?

— Isso mesmo!

— E', umas vezes; outras, não. Ha cometas que teem uma só cauda, enquanto que outros teem duas, tres, e muitas mais. O cometa que foi visto em 1744 tinha 6 caudas muito distinctas.

— De forma que, em um astro tendo cauda ou caudas, e cabelleira, posso dizer que é um cometa?!

— Certamente; mas tambem ha cometas sem esses adornos.

— Então o que é que, por uma fórma geral, eu posso dizer que seja um cometa?

— Darás esse nome a todo o astro que, animado de um movimento proprio, percorra uma ellipse de tal excentricidade que não possa ser visivel durante certo tempo da sua evolução.

— Em que direcções se movem?

— Em todas; atravessando o nosso systema solar, e cortando as orbitas dos nossos planetas.

— Nesse caso temos de admittir a ideia de possibilidade de um mau encontro com a terra?!

— Essa pergunta, meu Luiz, é simples e racional; porém, a resposta é difficil, muito difficil, e, posso dizel-o, tão difficil, que melhor e mais avisado andaria se dissesse que é impossivel fazel-o com a consciencia de que não erro. Vou comtudo esforçar-me, não por te responder de uma fórma precisa, mas tão sómente por te transmittir os poucos conhecimentos que tenho a tal respeito.

Em principio, e como consequencia immediata do que te disse, esse mau encontro é possivel; porem, o calculo das probabilidades mostranos que essa collisão se dará, em media, uma vez, em cada 281 milhões de vezes que o cometa atra-

vesse a orbita de qualquer planeta.

Tratando-se portanto, do encontro do cometa de Halley com a Terra, (e era aqui onde tu querias chegar), isso será ridiculo, senão infantil, tal receio; não só porque a proporção de 1 para 281 milhões de vezes é de molde a soegar o nosso espirito, mas tambem porque desconhecendo-se por completo o que motiva o engenhoso e complicado movimento dos astros, temos forçosamente de aceitar como boa, porque o é, a ideia de que a Providencia poz a sua infinita intelligencia e cuidado no bom confeccionamento de toda esta machina, por fórma que seriamos necios se sofressemos que as alavancas, (permitta-se-me o termo) movendo-se, se destruiriam, annullando assim o effeito ou fim a que as mesmas alavancas se destinavam.

Seria mais. Seria não admittir na Providencia essa perfeição sublime que em tudo se manifesta.

Descança pois o teu espirito, meu rapaz, porque não haverá novidade.

Vae para casa e dorme socegado, com a confiança absoluta em Deus, e amanhã continuaremos a nossa conversa.

Figueira da Foz  
(Continúa).

M. E.

### Anonymo

Temos em nosso poder um artigo, a que não damos publicidade por não vir assignado.

Queira o seu auctor descobrir-se e as columnas d'este semanario poder-lhe-hão ser franqueadas. Quer?

### Curioso

O nosso presado amigo sr. João d'Oliveira Gomes Silvestre apresentou-nos ha dias uma carta que escreveu para o Porto e que foi... parar ao Rio de Janeiro!

Lançou-a na ambulancia d'Ovar no dia 6 de março e quando raiou o dia 19 aportava ella a terras de Santa Cruz e a 8 d'abril corrente já cá estava outra vez de volta!

Como explicar tão disparatado extravio? Como pôde uma carta com direcção de Porto tomar o rumo do Brazil?

Ora vão-se fiar de correios!

E a direcção é clara e bem legivel, e ella levava um sello de 25.

Pois com esta franquia foi ao Brazil e veio.

## A' CAMARA

Estamos deveras satisfeitos com a Ex.<sup>ma</sup> e inequalavel Camara Ovarense pelas grandes economias que está fazendo — talvez para arranjar dinheiro para construir o monumental mercado!

O bairro d'Arruella nestes ultimos 15 dias não foi illuminado desde a entrada da rua do Pinheiro até S. Miguel e desde o largo da estação até ás pontes, notando-se o mesmo noutras ruas da villa!

Quanto economisou a Camara com isto?

Naturalmente grossa maquia. Repare o povo para este desleixo, que é criminoso, e pôde ser muito funesto ao transeunte.

— Os pobres doentes do hospital fôrão transferidos para as aguas furtadas do edificio da Camara por andar em grande reparação aquella casa. Como não vimos annunciada em jornal algum, nem em editaes o concurso em hasta publica d'essas obras, perguntamos: quaes as obras que se vão fazer e por quanto fôrão arrematadas?

Uma camara tão nobre não deve occultar a maneira como são administrados os dinheiros do Municipio, para os seus eleitores apreciarem da sua inteira e absoluta honestidade, porque dá logar a supposições.

### Premio pecuniario

Pelo Real Instituto de Soccorros a Naufragos, foi concedida a Manoel da Silva Cação, d'esta villa, e soldado reservista da Companhia de Torpedeiros, em Paço d'Arcos, como premio pecuniario, a quantia de mil reis, pelo socorro que prestou ao brigue «Clotilde», quando tripulante do rebocador «Mina».

### Edital

Pelo Sr. Julio Cesar Ribeiro d'Almeida, 1.<sup>o</sup> Tenente da Armada, e capitão do porto de Aveiro, etc., foi publicado o seguinte edital:

Faço saber o seguinte:

1.<sup>o</sup>— Que nos mezes de Maio e Junho é prohibido pescar na ria d'Aveiro com chinchas e mais artes d'arrastar, botirões, estacadas ou rédes d'atención e físgas.

2.<sup>o</sup>— Que durante todo o mez de Julho é prohibido na mesma ria o apanhar ou conduzir molicho em verde, que não seja arrolado.

3.<sup>o</sup>— Que tendo sido alterado o periodo do defezo do apanho do molicho, ficando reduzido ao mez de Julho, as licenças passadas por esta Capitania com estas de 14 e 15 de Março serão válidas por mais 15 dias.

4.<sup>o</sup>— Que não só no periodo do defezo da pesca como em qualquer época do anno, é expressa e terminantemente prohibido apanhar criação sem uma licença especial da Capitania do porto, que só será passada nos termos do artigo 44 do Regulamento da pesca e apanha do molicho na ria d'Aveiro.

5.<sup>o</sup>— Que todas as embarcações, sejam quaes forem as suas dimensões e o fim a que se destinem, são obrigadas ao registo na Capitania do porto.

6.<sup>o</sup>— Que todas as embarcações de recreio devem annualmente visar na mesma Capitania, até fins de Junho, os seus titulos de registo de propriedade.

7.<sup>o</sup>— Que todos os transgressores aos preceitos espressos n'este edital serão punidos com o rigor da lei.

Capitania do porto d'Aveiro, 15 de Abril de 1910.—O capitão do porto.

Julio Cesar Ribeiro d'Almeida.

### «A Fé catholica»

Temos presente o n.º 8 d'esta bem redigida revista religiosa que se publica no Porto, a mais luxuosa, a mais bem feita do paiz.

Inserer dois retratos do Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Manoel, Arcebispo Bispo da Guarda, fazendo-os acompanhar de bellos artigos. A restante collaboração é muito selecta e interessante.

Assigna-se no Porto, Rua de S. Lazaro, 295, custando cada 3 mezes 600 reis.

Agradecemos a visita.

## CONTOS DA SEMANA

### Historia d'um conto

II

(CONTINUAÇÃO)

Eram uma vez, pois o bem que para mim vier fique comigo, e o mal vá para quem o buscar; como ia dizendo, emam uma vez dois compadres, um rico e outro pobre. O rico chamava-se o sr. João; e o pobre simplesmente Joanico.

O João tinha mais gordura que um cevado, pelo que a gente do bairro chamava-lhe João Botija: fallava de rijo, como o sino grande da egreja; no andar batia os pés com força, como quem anda no que é seu; rara vez se descobria; ainda que todos os chapéus se lhe abaxassem quando ia passando; fumava charuto e vivia n'umas casas suas com cancella e com fonte no pateo.

O pobre, parecia que as carochas o chupavam de noite; fallava de manso, como campanha rachada; andava nas pontas dos pés, como quem pisa no alheio; sempre de chapue na mão, e ninguem cuidava de responder-lhe ás saudações; fumava pontas de cigarro, e vivia n'um casebre que fizera fóra do povoado.

O sr. João Botija cantava repimpado n'uma poltrona, depois de ter comido por um regimento:

Fumar, comer, beber,  
E' cá de gente fina  
O pobre que trabalhe,  
Ou dê contra uma esquina.

O Joanico cantava, tomando á porta do seu casebre uma ração de sol, enquanto esgravatava os dentes com o cabo da colher:

O homem que nasce pobre  
Com o frio é comparado;  
Todos se desviam d'elle,  
Não lhes pegue o refriado.

João Botija tinha mulher, e Joanico tambem tinha a sua. A do rico era alta e magra; de rosto amarello como vela de sebo; de poucas palavras e ainda menos caridade. A do pobre era baixa, gorducha, buliçosa, capaz de armar uma peça ao demo e de dar sota e az ao mais pintado: chamava-se Catharina, mas tratavam-n'a pela «Chata», porque tinha os narizes em conversação com a sobrançelhas: Já dorme, menino?... O caso é que um dia a sr.<sup>a</sup> Catharina, a Chata, que andava, como o outro que diz, com fome de cão, pôz o lenço na cabeça e o chale pelos hombros, apurou a sua labia e foi pedir por caridade a seu compadre João Botija que lhe desse com que semear um quintalinho.

O sr. João Botija era um agarrado, como o outro que, se lhe não batiam no cotovello, não abria a mão; e por mais que a pobre comadre gemeu e chorou, só conseguiu d'elle que lhe atrasse com um vintem á cara, dizendo-lhe:

— Chata barata, nariz de gata, toma um vintem e compra batata. Chata barata!

Mas a Chata não era para estas graças, que tinha má venda; deu-lhe um salto no corpo a soberba, e berrou mais queimada que a bucha d'um morteiro:

— Sempre o sr. é muito atrevido! Guarde o seu vintem no escaninho para forrar gaitas; e não chame de nomes a gente. Ouviu?... Ora o diacho do empanturrado, que parece uma melancia com tacões! Até fica mal tratar-se por *senhô* João! Botija é que elle é, Botija é mais Botija.

Assim grasinando e resmungando, com o chale descahido para trazvirou as costas e tornou pelos mes, mos passos, toda affrontada, arejando-se com o avental. A porta do casebre estava Joanico, sentado, observando uns pardaes que andavam a tourear a pouca distancia d'elle, dando picadas n'uma rodelinha de cenoura, que brilhava ao sol. Quando viu chegar sua mulher tão fula e suffocada, disse-lhe com pachorra, mas em tom dá remoque:

— Bem te dizia eu, bem te dizia eu que não pegavam as bichas. Ti-

raste tanto fructo como o preto do sermão: cabeça quente e pés frios.  
—Que dizias tu, João Lanas?—  
respingou a Chata, que tinha vontade de alterar.—E que fructo tiras tu, que serves só para encher uma cadeira e despejar um prato?

—Eu nem cadeiras encho, nem despejo pratos, porque não tenho pratos nem cadeiras.

—E a culpa de quem é, grande calaceiro? Eu sempre a matar-me para o ganhar; e você, para se não dar ao trabalho, nem os beiços lambe, quando os tem seccos!

—Tu gostas de ladrar; mas olha que eu sei morder. Se não podes com a vida enfoca-te; e não me azoines os ouvidos.

—Não estou para isso. Quero falar, que tenho razão. Comigo não has-de tu levantar a grimpá.

—Levanto-te mas é... esses queixos com um sopapo.

—A mim?! Ora espera...  
E sem esperar vai a desesperada Catharina pega n'um pucaro e dá com elle na cabeça do marido (salvo seja).

Continua.

**BOLETIM ELEGANTE**

Fez annos no dia 17 o sr. Antonio Ferreira Marcellino, distincto official de barbeiro em casa do sr. João Alminha.

—Completo no dia 17 onze primaveras o menino Alvaro dos Santos Esperança.

—Passa o seu anniversario a 22 a menina Maria José d'Oliveira Leite.

—Parte para o Pará no dia 25 o nosso presado amigo e assignante José Fernandes da Graça.

Bôa viagem.  
—A 17 do corrente passou o seu anniversario a galante menina Lydia dos Santos Ribeiro, filha do nosso amigo e correligionario sr. José da Silva Ribeiro, completando 13 risornhas primaveras.

—Em viagem de recreio partiram no ultimo sabbado para a Madeira os srs. Manoel Joaquim Rodrigues e Balthazar Machado Botelho Salazar.

—Que gosem muito e tenham feliz regresso.

—Partiu para o Rio de Janeiro o sr. José Marques d'Oliveira, filho do digno ajudante do Conservador da Villa da Feira sr. José Eduardo Marques d'Oliveira.

Mil prosperidades é quanto lhe desejamos.

—De Gavião, onde esteve por algum tempo encarregado da repartição de fazenda, regressou com sua virtuosa esposa á Villa de Feira, o sr. Annibal Huet, que reassumiu o seu lugar de 2.º aspirante da fazenda.

**S. José**

Foi imponente a festividade de S. José realisada no preterito domingo na igreja parochial d'esta villa, que se achava bellamente decorada. Houve missa solemne ás 11 horas e sermão ao evangelho, agradando muitissimo o orador, que fez um eloquente e substancioso sermão. De tarde cantaram-se vespersas e houve tambem sermão pelo orador da manhã, que recitou com notavel perfeição um trabalho não menos importante sobre a momentosa questão social, á qual deu por unica e cabal solução o evangelho.

Em seguida sahiu a procissão com o Santissimo, que recolheu já ao lusco-fusco.

**Brutalidade**

Deu-se ha dias na visinha freguezia de Vallega um caso de aggressão tão violenta que bem pôde taxar-se de brutalidade.

Num caminho do lugar de Villar foi encontrado estendido, com um perigoso golpe na cabeça, o moleiro Rodrigo Corôa. Sem o uso das suas faculdades, que perdeu em consequencia da aggressão, o infeliz não é concorde em affirmar quem o pôz naquelle lastimoso estado.

As auctoridades, porém, tratam

de averiguar, tendo prendido já um individuo sobre quem recahem suspeitas do crime.

**A cartilha dos republicanos**

**Bemaventuranças**

São oito:

1.ª Bemaventurados são os pobres de espirito que acreditam ainda no Affonso Costa e Souza Nogueira dos tapetes.

2.ª Bemaventurados são os mansos porque elles serão a verdadeira democracia, em Portugal, por um canudo.

3.ª Bemaventurados são os que choram porque elles serão consolados com a leitura espiritual da biographia Cunha e Costa, feita pelo Pae.

4.ª Bemaventurados são os que tem fome e sede de justiça, porque elles serão fartos com as migalhas d'uma banca rôta no dia do *Juizo final* da monarchia.

5.ª Bemaventurados são os que usam de misericórdia, porque se verão em calças pardas para regar a *champagne* as gargantas dos oradores dos comicios.

6.ª Bemaventurados são os limpos do coração, porque elles adorarão em espirito e verdade a carêta do pae Bernardino pintada pelo Baêta.

7.ª Bemaventurados são os pacificos, que irão cair como um passarinho na *Bocca do Inferno*, se derem com a lingua nos dentes.

8.ª Bemaventurados são os que padecem perseguição por amor da justiça... *d'Instrucção*, porque farão viagens gratuitas do Rio para Portugal.

**ECHOS DE VALLEGA**

Anda no ar grande celeuma, por causa d'umas prisões, que ultimamente tem effectuado o sr. juiz de instrucção criminal.

Em volta d'um tal Diogo Ramires que, segundo está averiguado, é um refinadissimo mariola, (mas tanto basta para obter a protecção dos republicanos!) tem-se feito os mais enredados commentarios, tendentes a colloca-lo n'um campo seguro e inacessivel á accção da justiça.

Preso no Rio de Janeiro a pedido do governo portuguez, é conduzido á capital sob a vigilancia d'um agente policial, que affirma ter elle tomado parte no regicidio, como collegiu d'algumas das suas affirmações e se deprehende d'alguns actos da sua vida, bastante accidentada e mysteriosa.

Amigo muito proximo do tristemente celebre Buissa, com quem convivia frequentemente, Diogo Ramires, perpetrado o regicidio, fugiu para a França, talvez para se escapar á accção da justiça. Não precisava d'isso, porque a nossa justiça tem os olhos demasiado abertos para algumas coisas insignificantes, mas para apurar a historia do regicidio tem-nos demasiado vendados, a ponto de decorridos dois annos ainda se não saber quantos foram os que atiraram sobre a carruagem real.

Repatriado sob o disfarce d'um nome falso, Diogo Ramires obteve um logar na capital, onde poude exercer o seu mistér de enriquecer á custa alheia; temendo, porém, ser descoberto resolveu embarcar para o Rio de Janeiro, porque talvez o espinho do remorso lhe espicaçasse a consciencia, ao passar pelo sitio onde tinha varado de balas um Rei e um Pae amoroso, um filho e um irmão querido, lançando na dôr e no luto uma esposa e uma mãe desditosa, um filho e um irmão infeliz.

Durante a viagem, Diogo Ramires travou relações com um tal Martins, agente policial que tinha vindo a Lisboa conduzir um criminoso. Usando das suas habilidades, o tal Martins começou por puxar pela lingua ao Diogo, que fez declarações importantes e compromettedoras sobre o regicidio. Chegados que foram ao Rio de Janeiro, separaram-se, tendo o Martins tido o cuidado de fazer um relatório das taes affirmações do Diogo e tendo tido igual cuidado de lhe notar bem as feições características.

—Evidentemente para não poder ser reconhecido; o que leva a crêr que a sua prisão não foi arbitraria, como berram os jornaes republicanos e quejandos.

Conduzido, pois, novamente a Lisboa e tendo sido interrogado o Diogo attribuiu á brincadeira as suas affirmações imprudentes; o que não é de crêr; pois que tem a confirma-las os disfarces, sob os quaes se queria escapar á accção judicial.

O mysterioso crime de Cascaes e o roubo de cartuchame da Alfandega parecem estar agora desvendados; poisque em virtude d'um relatório do sr. juiz de instrucção criminal foram perpetrados por sociedades secretas existentes em Lisboa e que têm por fim lançar por terra as instituições vigentes n'uma occasião propicia, para o que se descobriu uca casa munida de armas e explosivos, destinados á renovação do 28 de janeiro de 1908.

Eis o resultado dos governos de acalmação que desde o Makavenco nos têm governado. Eis o resultado da propaganda deleteria da imprensa jacobina que tem espalhado por toda a parte as mais infamantes injurias e calumnias contra a monarchia portugueza.

E agora porque um homem parece ter comprehendido a obrigação, imposta pelo logar que occupa, mandando proceder ao inquerito de tantos crimes publicos, commettidos impunemente até hoje n'esta boa terra portugueza, para vêr se lava a nodoa que mancha a nossa reputação lá fóra; agora, porque o sr. juiz de instrucção criminal, desviando-se do caminho, seguido pelo juiz de Méda, tem effectuado algumas prisões que têm feito as mais elucídativas revelações, os republicanos e todos os patriotas de cerebro, de coração e da... pança, como Alpoim, Amaral, Bombarda e quejandos, gritam, barafustam e berram furiosamente contra o sr. juiz de instrucção criminal, dirigindo-lhe os maiores insultos, alcunhando-o de

furioso e homem atacado da mania de regicidas e ameaçando a Corôa com a revolução, se não se põe termo a um tal abuso de liberdade!

Cá para mim ao menos é isto a prova mais inequivoca de que não foram só o Buissa e o Costa, que espingardearam a carruagem real; mas tambem todos aquelles, que ao ouvirem fallar no inquerito ao regicidio, clamam bem alto que os regicidas morreram com o Rei e que desenterrar agora esse facto é querer que seja repetido.

Ah! João Franco, João Franco! que tanta falta fizeste na politica portugueza!

—Com todo o esplendor e entusiasmo, que costumam acompanhar taes actos, realisou-se em Vallega a tocante solemnia da primeira communhão das creanças.

Perto de 70 annos, que outro nome não podem ter aquellas almas innocentes transformadas em moradas vivas do Altissimo, se approximaram da meza eucharistica e receberam da mão do seu zeloso Pastor o Pão dos annos, e o vinho que gera as virgens, tendo renunciado ao mundo, diabo e carne e prestado juramento sob o estandarte de Jesus Christo.

Como era bello contemplar aquelles rostos infantis, que reflectiam uns pallidos raios da candura angelica, entoar canticos de louvor e accção de graças ao Deus, que se dignou baixar até elles e estabelecer a sua morada em seus corações!

Oh! o dia da primeira communhão fica indelevelmente gravado na nossa memoria; n'ella reviverá sempre presente, e nunca o tempo em sua accção destruidora conseguirá apagar tão grata lembrança.

Alexandre Herculano, fazendo a descripção d'um dia santo da sua infancia, dizia com a alma repassada de saudade: «De todas as memorias passadas, cujas ruinas o descer da idade de homem me alastrou pelo coração, uma sei eu que vive ainda n'elle fresca e viçosa, e que me parece morrerá só quando eu morrer: é a lembrança dos dias santos dos meus tenros annos».

Paraphraseando o egregio escriptor, tambem digo que do dia da minha primeira communhão restame só a lembrança, acompanhada da pungente saudade.

Vallega, 17-4-910.

Jospin.

(Do Alman. Braz.)

**A' minha querida amada**

Se eu não tornar a escrever  
Que eu não possa falar  
Bem de certo a sepultura  
Vão-me ser ondas do mar.

Minha signa foi amal-a,  
Foi meu anheio, bem sei,  
O deixal-a só na morte,  
Mas nem lá a deixarei.

Todos os dias na rua  
Em frente d'essa janella!  
Que barbaridade a tua!  
Porque não chegas a ella?

O quente sol no horizonte  
Com todo o fogo d'agosto;  
E eu na rua e em frente  
Da tua janella posto.

Dezembro, o mez inclemente,  
O sangue nas veias gela,  
E eu na rua e eu em frente,  
Em frente d'essa janella.

Sempre esta ideia constante  
O' meu Deus! se eu hoje a visse!  
Se ao menos um só instante  
A janella hoje se abrisse!

E nunca se abre, Senhor!  
Abrem-se os labios n'um riso,  
O botão abre-se em flôr,  
Abre-se o teu paraíso.

Abre-se a concha do mar  
Onde a perola se encerra.  
A' semente a germinar  
Abre-se o seio da terra.

Abrem-se os braços da mãe  
Para abraçar o filhinho,  
E as aves abrem tambem  
As azas por sobre o ninho.

Abre o seu calice a rosa,  
Abre-se o mar tão profundo.  
Só tu, janella, teimosa  
Nunca te abriste um segundo.

Pois fica sempre fechada  
Como a noite mais escura,  
Como uma alma condemnada,  
Como negra sepultura.

Mas o que estou a dizer?  
Meu Deus! meu Deus! o que eu disse!  
Ai! que infinito prazer  
Se a janella hoje se abrisse!

**HORARIO DOS COMBOYOS**

Do Porto a Espinho e Aveiro e vice-versa, desde 5 de novembro de 1909

**ASCENDENTES**

ESTAÇÕES	1501 Tramway	150 Tramway	15 Correio	1505 Tramway	1507 Tramway	1509 Tramway	2015 Mixto	1511 Tramway	17 Tramway	53 Rapido	1513 Tramway	1515 Tramway	3 Omnibus	1517 Tramway	55 Rapido	11 Omnibus
Aveiro . . . . .	1.º dia util aos dias sanificantes	3.54	5.5				7.58		11.3	2.5			5.34		9.57	10.28
Cacia . . . . .		4.8							11.13				5.43			10.38
Canellas . . . . .		4.15							11.20				5.50			
Estarreja . . . . .		4.26	5.28				8.39		11.34				6.4			10.52
Avanca . . . . .		4.37							11.42				6.12			
Vallega . . . . .		4.43							11.48				6.17			
Ovar . . . . .		4.51	5.50				9.18	10.20	11.57			5.35	6.27			11.12
Esmoriz . . . . .	4.55	5.13	6.4						12.15			5.57	6.42			11.26
Espinho . . . . .	5.11	5.30	6.16	7.0	7.42	9.35	9.49	10.42	12.34	2.30	3.27	6.14	6.55	9.5	10.36	11.34
Granja . . . . .	5.18	5.37	6.24	7.7	8.6	9.42	10.6	11.6	12.41	2.45	3.34	6.21	7.2	9.12	10.42	11.40
Valladares . . . . .	5.37	5.56	6.36	7.26	8.25	10.1	10.28	11.25	1.1	3.53	6.40	7.2	7.16	9.31	10.59	12.7
Gaya . . . . .	5.55	6.11	7.0	7.41	8.39	10.16	11.19	11.39	1.23	3.0	4.7	6.55	7.37	9.46	10.59	12.7
General Torres . . . . .	5.59	6.15		7.45	8.43	10.20		11.42	1.27		4.13	6.59	7.5	9.50		
Campanhã . . . . .	6.6	6.28	7.25	7.56	8.56	10.30	11.33	11.53	1.41	3.12	4.24	7.9	7.55	10.1	11.11	12.20
Porto . . . . .		6.34	7.31	8.2	9.2	10.35		11.58	1.47	3.18	4.30	7.17	8.1	10.7	11.17	12.26

**DESCENDENTES**

ESTAÇÕES	1503 Tramway	1504 Tramway	18 Omnibus	1506 Tramway	1508 Tramway	56 Rapido	20 Tramway	1510 Tramway	1512 Tramway	4 Expresso	1514 Tramway	2212 Mixto	54 Rapido	1516 Tramway	1518 Tramway	8 Correio
S. Bento . . . . .	12.10	5.19	.35	7.0	8.11	8.50	9.30	12.32		3.6	3.30		5.0	5.59	7.48	8.45
Campanhã . . . . .	12.20	5.30	6.50	7.10	8.20	9.0	9.55	12.45	2.5	3.30	3.30	3.50	5.10	6.10	7.57	9.5
General Torres . . . . .	12.28	5.37		7.17	8.28		10.3	12.53	2.13		3.46		5.21	6.23	8.11	9.24
Gaya . . . . .	12.34	5.42	7.1	7.21	8.32	9.11	10.14	12.57	2.17	3.41	3.50	4.35	5.21	6.23	8.11	9.24
Valladares . . . . .	12.40	5.54	7.9	7.33	8.44		10.25	1.9	2.29	3.45	4.1		5.33	6.52	8.39	9.44
Granja . . . . .	1.3	6.11	7.19	7.51	9.1	9.23	10.43	1.26	2.45	3.58	4.18		5.33	6.52	8.39	9.44
Espinho . . . . .	1.9	6.20	7.27	8.0	9.7	9.29	10.49	1.32	2.55	4.5	4.27	5.7	5.39	7.1	8.45	9.50
Esmoriz . . . . .		6.36	7.35	8.16			11.2		2.11	4.13	4.42		6.2		7.18	10.4
Ovar . . . . .		6.58	7.50	8.38			11.22		3.33	4.37	5.5		6.2		7.42	10.24
Vallega . . . . .			7.56				11.29								7.49	
Avanca . . . . .			8				11.33								7.56	
Estarreja . . . . .			8.13				11.49			4.50	6.36				8.9	10.45
Canellas . . . . .			8.19				11.55								8.17	
Cacia . . . . .			8.26				12.3								8.25	
Aveiro . . . . .			8.37			10.5	12.16			5.11		7.12	6.14	8.37		11.10

# HISTOGENO

Único medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericórdia de Lisboa, Porto e Clínicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

betes, Anemia, Neurasthenia e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem a

**TUBERCULOSE**  
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

# LLOPIS

Precaer contra os productos similares que na pratica teem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes a saude.

Peça-se sempre o **Histogeno Llopis** Único que cura

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reís.** — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericórdia e Hospital do Rego.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahony & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º — No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho da Silveira, 115.

## ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70

PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratísimos

## FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 RÉIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MARTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª

## ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os sistemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Para «Sparklets»  
Vibrador «Varno»  
Soveteiras, etc., etc.

**CASA LINO**  
40, Praça de D. Pedro, 41  
PORTO

## PAPÉIS PARA FORRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido do deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178, R. de Santo Antonio, 180-PORTO

Neste deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

## AZULEJOS

### FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 134

Villa Nova de Gaya — Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrafas

## DE MARQUES & ARAUJO LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 41 e 45 — Porto

Telephone, 616

Uma visita á  
**PHOTOGRAPHIA CARVALHO**  
R. do Passio Alegre, 27 e 29  
ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos em porcelana, Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel. Retratos em esmalte, semi esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartõagem e photographia moderna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

## Vidraria S. Bento

DE Manoel Alves Barbosa

Praça Almeida Garrett, 20  
PORTO

Especialidade em cry-taes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

## AGUA DO BARREIRO

Cura radicalmente a ANEMIA, CHLOROSE, as DOENÇAS do ESTOMAGO e MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS

Deposito em Ovar: Viuva de Silva Cerveira.

## José Bernardo Carlos das Neves

221, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO  
(CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA  
PUREZA das QUALIDADES

## Flores a S. José

Meditações para o seu mez ou qualquer tempo do anno, com exemplos apropriados, colloquios, etc. Extrahidas das Sagradas Excripturas, Santos Padres e Doutores da Igreja e outros eminentes auctores e coordenados por Antonio Luiz Falcão. Segunda edição. Approved pelo Snr. Cardeal Bispo do Porto — enc., 200 reís.

## O Mez de S. José

A violeta de março. Vertido d'um livro allemão por Carlos H. Pieper. Revisito pelo Dr. Domingos de Souza Moreira Freire. Com permissão do Snr. Vigário Capitular. 3.ª edição augmentada com o modo de ouvir a missa pelos defunctos — vol., enc., 160 reís.

Vendem-se na Typographia Fonseca & Filho Rua da Picaria, 74 e nas livrarias.

## FOSEIODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das scrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitaes do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fígado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de cura. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto - Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.  
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans, Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino  
Preço conforme a quantidade

## ARTE RELIGIOSA

Officina de esculptura em madeira e talha

## Joaquim dos Santos Leite

RUA FABRICA, N.º 57 a 61 — PORTO

N'este acreditado estabelecimento executam-se todos os trabalhos, especialmente em imagens de todas as invocações e tamanhos e em altares de todos os estylos. Execução rapida tanto para o Porto como para as Provincias, Ilhas, Africa e Brazil. Ha sempre em deposito grande variedade de imagens em madeira, marfim e metal, para jazigo; Santuarios de pau preto e d'outras madeiras. Banquetas para altares, sacras, estantes para missal, basos eucharisticos, ramos e cyrestes e muitos mais artigos do culto assim como: terços encadeados, rosarios, medalhas e cruces, em todos os formatos e pias de agua benta em ploxes proprias para cabeceira; estampas e quadros. Encaixilha-se toda a qualidade de estampas.

Grande deposito de redomas e pianhas. Remette-se todas as informações. Orçamentos contra pedidos e observando-se a maior modicidade nos preços.

## TYPOGRAPHIA

DE JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO  
72 — Rua da Picaria, 74 — PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

**ALBERTO MILHEIRO**  
Cirurgião dentista  
Prothese e operações dentarias  
PASSEIO ALEGRE, 40-1.º  
(Em frente ao coreto da Graciosa)  
ESPINHO

## REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.º SNR.